

UMA EXPERIÊNCIA COM BIBLIOTECA ESCOLAR

Thereza Anália Cochar MAGALHÃES*

Quando o assunto é literatura infantil e juvenil imediatamente se pensa no público receptor de tal literatura - a criança e o adolescente, e os meios dessa dita literatura chegar a esse público.

Se os pais lêem, têm o hábito de leitura desenvolvido, é bastante provável que seus filhos serão bons leitores. No entanto, no nosso país, pais assim são minoria. Grande massa da população não lê. Motivos? Muitos. Dentre eles, apontam-se os de ordem econômico-social, o analfabetismo, a impossibilidade de muitos não freqüentarem regularmente a escola, o fato do país contar com uma infra-estrutura educacional e cultural extremamente precária.

Como o país não possui meios eficazes de circulação do patrimônio literário, a difusão do livro infanto-juvenil acabou se polarizando na escola. A essa cabe-lhe não apenas iniciar a criança nas letras, mas também e principalmente transformá-la num leitor interessado e permanente.

Por outro lado, houve uma diversificação do público-leitor infanto-juvenil. Nas últimas décadas, com a ampliação da rede de ensino, a escola, constituída até então quase que exclusivamente por alunos das classes mais abastadas, absorveu novos segmentos sociais, segmentos esses que tradicionalmente vivem à margem do livro e da literatura.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

As bibliotecas públicas têm desenvolvido projetos e atividades, cursos e campanhas, buscando envolver-se também nesse movimento em torno da leitura.

Além disso, essas transformações fizeram surgir um grande número de publicações, cujo tema central é a preocupação com a leitura infanto-juvenil, já que eram muitas as dificuldades no sentido de inseri-la na vida do público ao qual se dirige.

Paralelamente à ampliação da rede pública de ensino e ao aumento do interesse social pelo tema literatura/leitura/infância, a escola foi-se depauperando, aposentando bibliotecárias, fechando suas bibliotecas, tornando o espaço destinado à biblioteca em salas de aula, trancando livros em armários ou juntando-os num canto, distribuindo-os por incomodarem, ou então encapando-os cuidadosamente com papel pardo e dispondo-os caprichosamente em estantes tornando-os objetos de santuário em que não se pode tocar.

Eis-nos diante de uma situação praticamente sem saída: a escola tendo que promover leitura...sem livros.

Todos esses problemas, somados a tantos outros que dia a dia se vivenciam nas escolas, geram angústias, apreensões e principalmente descrédito no sistema educacional brasileiro. Entretanto, alguma coisa ainda, felizmente, impulsiona muitos professores a investirem em educação. Por gosto, por teimosia, por desafio, não sei, faço parte dessa turma que busca, participa, troca, experimenta. E experimentando, tenho procurado reativar a biblioteca das escolas pelas quais vou passando como professora itinerante da rede pública.

Meu primeiro trabalho, nesse sentido, ocorreu numa escola de periferia em Osasco, cuja biblioteca funcionava em uma sala de 23m². Até 1979, a escola contava com os serviços de uma bibliotecária. O acervo não era grande, mas permitia empréstimos e consultas, e atendia apenas

aos seus alunos. A ampliação do acervo efetuava-se por iniciativa de professores e alunos que se cotizavam e compravam alguns livros e por doações oficiais (a última ocorrera em 1979).

Em 1979, a bibliotecária aposentou-se e, em consequência disso, a biblioteca foi fechada. Os livros saíam, havia pesquisa, mas sem a orientação e a supervisão de um especialista na área. Resultado: muitos livros desapareceram ou se estragaram.

No final de 1980, houve problemas na estrutura do prédio e a biblioteca foi desativada, cedendo seu espaço à sala de aula. Os livros foram amontoados em outro lugar e a biblioteca ficou durante dois anos sem seu espaço físico.

Um parêntese: durante esse período, criamos, eu e as demais professoras de Português, as "Bibliotequinhas de classe" que consistiam no seguinte: como a escola adotara o sistema de salas-ambiente, cada professor possuía uma parte de um armário - esse era o espaço físico da bibliotequinha. Professores e alunos traziam livros - romances, contos, crônicas, poesias, peças de teatro, e também histórias em quadrinhos, jornais e revistas, que circulavam entre os alunos da classe mediante empréstimo. O ponto altamente positivo a se ressaltar aqui é que pelo contato direto com os professores, conseguimos despertar o gosto pela leitura em muitos alunos.

Além disso, esse projeto conseguiu "passar" noções de respeito e valor - durante o tempo de funcionamento das bibliotequinhas não "desapareceu" nenhum livro, nem se observaram rasuras ou danos nos livros. Fecha-se o parêntese.

Em fins de 1982, prédio restaurado, os livros voltam a ocupar seu espaço, porém em condições piores do que as dos anos anteriores - arrumados de forma desorganizada. Além disso, praticamente se liberou o uso da biblioteca - os alunos usavam os livros, faziam pesquisas, sem orientação ou coordenação de um responsável. Resultado: livros

rabiscados, enciclopédias rasgadas. E logicamente - biblioteca fechada.

No planejamento anual de 1983, propus-me colocar a biblioteca em funcionamento.

Com a permissão do diretor da escola e uma parca colaboração financeira da APM - Associação de Pais e Mestres, começamos, eu e os alunos, a organizar a biblioteca.

Naturalmente muita gente, vai perguntar: Em que horário você fazia isso? Trabalhou de graça?

No primeiro bimestre, procurei vencer mais cedo o conteúdo programado e ia à biblioteca, ora com uma classe, ora com outra, com o propósito de sensibilizá-las, envolvê-las no processo, ganhar adeptos. Às vezes, eu ia à escola um pouco mais cedo, ou ficava até mais tarde, trabalhando. Há uma etapa do trabalho que cabe somente ao professor, como, por exemplo, a separação dos livros por assunto, a distribuição por interesse, a separação dos livros com ortografia desatualizada. Mas sempre havia um e outro aluno me rodeando, querendo colaborar.

O trabalho seguiu etapas dentro da precariedade:

- limpeza e restauração dos livros;
- separação dos livros por assuntos;
- elaboração de um novo livro de tomo;
- pintura da sala, das estantes, dos armários e mesas (os "pintores" cursavam o 3º colegial; no ano seguinte não estariam mais na escola e, portanto, não desfrutariam da biblioteca);
- disposição dos livros nas estantes, considerando os livros que serviriam para consulta ou para empréstimo.

Faltava agora "criar" um sistema que colocasse a biblioteca em funcionamento.

Li alguns livros especializados no assunto, procurei informações sobre tombamento, fichas catalográficas, sistema de fichas para empréstimo,

mas tudo isso era muito específico, demandaria tempo demais e eu tinha pressa. E então, "criei" um sistema de empréstimos e funcionamento muito simples. Quanto ao primeiro - o empréstimo, tomei um caderno grande e o risquei em colunas, dispondo em cada uma delas pela ordem - o número de tomo, título do livro, autor, nome do aluno que o emprestou, série, número de chamada, data de saída, data de entrega. Instituí uma multa quase simbólica para os atrasos. Não havia um fichário para consulta - o acesso ao acervo era livre e qualquer dúvida o usuário poderia contar com a orientação do aluno - bibliotecário.

O que é aluno-bibliotecário? Reuni os alunos que queriam trabalhar voluntariamente na biblioteca (desde a 5ª série até o 3º colegial) e promovi algumas reuniões, ensinando-os a cuidar e a preservar os livros, tombá-los no caso de novas doações, efetuar empréstimo, auxiliar os consulentes em pesquisa, orientá-los quanto à empréstimo, regulamento da Biblioteca, etc. O aluno-bibliotecário levou a sério seu trabalho e a biblioteca funcionava, pelo menos duas horas, em cada período de aula.

Em setembro de 1983, promoveu-se a reabertura da biblioteca à comunidade escolar, como evento principal da Semana do Livro, uma das atividades extraclasse que a equipe de Português promovia anualmente com os alunos. A reabertura foi um sucesso, pois a biblioteca tornou-se o espaço mais bonito e agradável da escola.

No período compreendido entre sua reabertura e o primeiro semestre de 1984, o número de empréstimos foi considerável. O mesmo em relação às pesquisas. Os professores colaboravam e promoviam aulas na própria biblioteca.

O acervo aumentou muito pouco, apenas algumas doações de professores e alunos. Não se mediram esforços no sentido de procurar editoras e órgãos públicos pedindo doações, porém, sem resultado.

A partir do segundo semestre de 1984, a biblioteca passou a abrigar também projeção de

filmes e slides. Em 1985, conseguiu-se uma máquina de xerox.

Definitivamente a biblioteca, pelo uso da comunidade escolar, ultrapassara seus limites - era um local de promoção de conhecimento, um local convidativo e amado.

Tenho certeza de que no sentido de promoção da leitura, abriu-se um caminho e que para o aluno trilhá-lo dependia logicamente de muitos outros fatores, mas dependia também de se manter, na escola, uma biblioteca viva, porque para as crianças e adolescentes não é difícil manter um relacionamento amigável com o livro.

O prazer de vivenciar essa experiência não tem preço, mas tem valor. Faz parte da minha maneira de contribuir na luta pela valorização da escola pública